

# Especial

Degelo À espera do fim do embargo americano, ilha tem projetos que somam investimentos de US\$ 8,7 bi

## De olho em negócios, Cuba recebe Obama

Jacilio Saraiva  
Para o Valor, de Havana

Uma ilha rodeada de oportunidades de negócios por todos os lados. É assim que Cuba se delinea hoje. Depois de cinco décadas relativamente fechado a recursos internacionais, o país vem se abrindo cada vez ao capital estrangeiro. No fim de 2015, o governo cubano apresentou uma carteira com 330 projetos em mais de dez setores, como infraestrutura, turismo e energia, que somam investimentos de US\$ 8,7 bilhões.

Atentos a esse mercado que se abre no Caribe — com PIB que cresceu 8,4% em 2015, para US\$ 89,5 bilhões, e inflação prevista de 3,9% para 2016, segundo dados da Economist Intelligence Unit — países como França, Japão e Alemanha enviaram nos últimos meses representantes do governo e empresários para garimpar contratos. A visita a Havana que o presidente Barack Obama inicia no domingo também sinaliza que o embargo econômico americano, que inibe o comércio e os investimentos diretos entre os dois países, se aproxima de uma solução.

O Brasil, que está entre os seis principais parceiros comerciais de Cuba no mundo, não está parado. Depois de despachar para Havana uma missão com 30 empresários de São Paulo e 40 em-

presas de Pernambuco, em 2015, o governo brasileiro, por meio de federações de comércio e indústrias, da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e da Embaixada do Brasil em Cuba, convidou mais 20 companhias do Ceará para visitar neste ano o país presidido por Raúl Castro.

O objetivo é engordar a lista de 300 grupos nacionais que hoje já fazem negócios no mercado cubano e reforçar as exportações. O valor das vendas externas brasileiras para Cuba passou de US\$ 507,7 milhões, em 2014, para US\$ 513,5 milhões no ano passado, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). Mais de 70% das mercadorias embarcadas são do setor de alimentação.

"Há grandes oportunidades de negócios nos segmentos de agropecuária, biotecnologia e construção civil, além de turismo e infraestrutura", afirma Abeley Del Pozo Anaya, da divisão de relações internacionais para América do Sul e Brasil da Câmara de Comércio da República de Cuba, que reúne 700 empresas. Segundo estimativas do governo cubano, o país precisa de até US\$ 2,5 bilhões anuais de investimento estrangeiro para alcançar taxas de crescimento superiores a 5% ao ano.

"É mais fácil fazer negócios com o Brasil porque temos culturas semelhantes e já provamos que as relações comerciais com os brasileiros são um modelo a ser seguido por outras nações." Abeley se refere à criação, há mais de 20 anos, da Brascuba, uma joint venture da Souza Cruz com a estatal Tabacuba para a produção de cigarros.

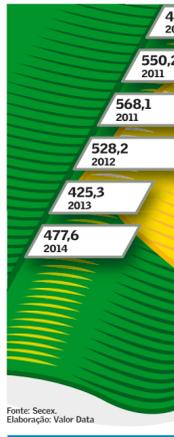
Localizada em um prédio histórico de 1883, em Havana, a Brascuba tem administração compartilhada por executivos dos dois países. Nos últimos dois anos, dobrou o tamanho do quadro, para 500 empregados, e investiu em maquinário. "Cerca de 85% da produção são destinados ao mercado interno e 15% vão para mais de 30 países, como Espanha, Rússia e Brasil", explica o presidente Alexandre Carpenter, executivo carioca que mora em Cuba há mais de três anos.

Com capacidade fabril instalada de até cinco bilhões de unidades ao ano, a Brascuba é considerada a maior empresa de distribuição privada da ilha, com 7.000 pontos de venda. Em 2014, fechou o ano com uma venda estimada de 2,9 bilhões de cigarros. A perspectiva na linha de produção é continuar em escalada. "Estamos sob a influência do bom momento econômico de Cuba e da criação da Zona Especial de Desenvolvimento do Por-

to de Mariel", afirma Carpenter. A companhia tem um projeto de construção de uma nova fábrica na ZEDM, aprovado pelo governo cubano no final de 2015.

### Exportações para Cuba

Valores em US\$ milhões



### Importações de Cuba

Valores em US\$ milhões



Fonte: Secex, Elaboração: Valor Data

**Ficha técnica**

População	11,2 mil
PIB	US\$ 89,5 bi
PIB per capita	US\$ 7.991
Índice de desemprego	3%
Exportações	US\$ 4,4 bi
Importações	US\$ 15 bi

\*Fonte: Anuário Estatístico de Cuba, Economist Intelligence Unit Country Report, 2015 e Embaixada do Brasil em Cuba. \*\* Números de 2015

Cesário Melantonio Neto, embaixador brasileiro em Cuba há dois anos, afirma que o país importa 80% dos alimentos que consome e, desse total, um quarto vem do Brasil. "Além de itens de alimentação, temos abertura para vender itens e serviços de setores como finanças e equipamentos médicos", diz o diplomata, que mantém contatos diários com empresários brasileiros interessados em investir na ilha.

Na área de construção, a Odebrecht, que opera desde 2008 em Cuba, quando participou da construção do porto de Mariel, volta ao mercado cubano com a sucursal Companhia de Obras e Infraestrutura (COI). Em novembro de 2013 assumiu a administração de uma usina de açúcar na Província de Cienfuegos, a 250 quilômetros de

Havana, e em junho de 2015 firmou contrato para a ampliação do Aeroporto Internacional de Havana, que deve ter a capacidade expandida de três milhões para sete milhões de passageiros ao ano.

"As obras do terminal contarão com exportações de US\$ 176 milhões em bens e serviços brasileiros", afirma Mauro Hueb, diretor-superintendente da Odebrecht Ingeniería y Construcción Internacional, em Cuba. Representantes do governo cubano não comentam os desdobramentos da Operação Lava-Jato, que investiga o grupo no Brasil.

Mas não são apenas as empresas brasileiras estabelecidas no país que fecham negócios na ilha. A marca de calçados gaúcha Piccadilly, há 60 anos no mercado brasileiro, com produção diária de 50 mil pares, opera em Cuba desde 2002, por meio de um representante que distribui seus produtos em 60 pontos de venda. "Em 2015 tivemos um crescimento de 40%

nas entregas, ante 2014", afirma a gerente de exportação, Tatiana Müller de Oliveira, sem revelar valores. Cuba é oitavo maior comprador no exterior da calçadista, com contratos em 90 países.

Segundo a executiva, o país segue em crescimento na economia interna e mostra grande empatia com a moda e a cultura brasileiras. A expectativa para 2016 é crescer, pelo menos, 20% no mercado local, onde os sapatos da marca custam, em média, US\$ 30. Para dinamizar os negócios, investe em côrneres de lojas e participa anualmente da Feira Internacional de Havana. O evento existe há 33 anos e é a maior exposição multisetorial realizada em Cuba, onde empresas estrangeiras demonstram produtos e prospectam novas oportunidades para inserir mercadorias no mercado caribenho. Na edição do ano passado, recebeu cerca de 4.500 expositores de 60 países, além de 150 mil visitantes.

## Comércio com Brasil soma US\$ 564 mi

Gleise Castro  
Para o Valor, de São Paulo

Apesar da participação modesta no total movimentado pelo comércio exterior brasileiro, o comércio bilateral Brasil-Cuba ganhou volume expressivo nos últimos 12 anos, saltando de US\$ 91,99 milhões em 2003 para US\$ 564,2 milhões em 2015.

As exportações brasileiras para o país do Caribe aumentaram de US\$ 91,99 milhões para US\$ 513,6 milhões, enquanto as importações de produtos cubanos pelo Brasil passaram de US\$ 22,38 milhões para US\$ 50,7 milhões no período. O comércio exterior brasileiro somou US\$ 362,58 bilhões em 2015.

O superávit comercial do Brasil tem sido uma constante histórica na relação entre os dois países e o incremento no total transacionado decorre da maior aproximação entre os dois governos a partir do primeiro mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entre 2005 e 2009, os principais produtos da pauta de exportação brasileira para Cuba foram óleo de soja, frango, carne bovina e café.

Em 2009, as vendas desses produtos para a ilha atingiram cerca de US\$ 150 milhões, valor correspondente a 54% da pauta. Em período mais recente, de 2010 a 2015, o Brasil agregou o milho a esse conjunto de commodities agrícolas. O cereal ultrapassou o café e passou ao quarto lugar na pauta brasileira para Cuba.

Em 2015, as exportações desses produtos para Cuba somaram US\$ 241 milhões, mas sua participação foi reduzida para 46% da pauta, em função do aumento das vendas de máquinas e equipamentos, que ganharam maior peso no total exportado para Cuba nos últimos cinco anos. Em 2010, o Brasil vendeu US\$ 13 milhões em colheitadeiras e tratores para Cuba. Em 2015, esse valor mais do que dobrou, atingindo US\$ 28 milhões.

Já a pauta de importações brasileiras com origem em Cuba concentrou-se entre 2005 e 2009 em extrato de bilis animal para a indústria farmacêutica, cimento e frações de sangue, produto também utilizado na fabricação de medicamentos. Em 2009, esses itens somaram cerca de US\$ 51 milhões, correspondendo a

96% do total de produtos cubanos comprados pelo Brasil.

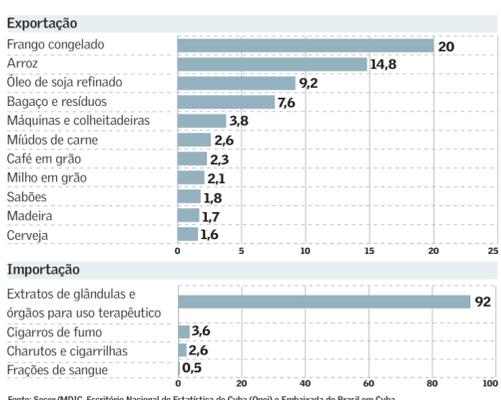
A partir de 2012, o cimento deixou de ter relevância entre os produtos que o Brasil importou de Cuba. Entre 2010 a 2015, o extrato de bilis passou a dominar a pauta, com participação de 92%, seguido por cigarros e charutos, com participação de 6%. No ano passado, as importações dos três produtos atingiram um total de US\$ 49 milhões.

"É uma pauta bem concentrada. A gente importa de Cuba aquilo em que os cubanos são bastante competitivos", afirma Walter Antonio Desiderá Neto, pesquisador da diretoria de estudos em relações econômicas e políticas internacionais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Para o pesquisador, essa pauta reflete a estratégia de cooperação entre Brasil e Cuba na área da saúde, que inclui o programa Mais Médicos, criado em 2013, que trouxe cerca de 11 mil médicos da ilha para atendimento em áreas onde há carência desses profissionais, por meio de acordo intermediado pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas).

### Perfil da balança

Participação dos principais produtos comercializados em 2015 - %



Fonte: Secex/MDIC, Escritório Nacional de Estatística de Cuba (Onei) e Embaixada do Brasil em Cuba

Para Rubens Barbosa, ex-embaixador brasileiro em Washington e presidente do conselho de comércio exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), graças à proximidade política entre os dois países nos últimos anos, o Brasil tem uma posição muito boa em Cuba. Mas diz que não é fácil aumentar o comércio com a ilha. "Não é um mercado livre, há

toda uma regulamentação", afirma Barbosa. É também um mercado pequeno, de cerca de 10 milhões de pessoas. Mas, a seu ver, as empresas brasileiras interessadas no mercado cubano devem fazer um trabalho de promoção comercial. "Tem que ir lá, falar com autoridades, a Câmara de Comércio e a embaixada brasileira para verificar em que áreas há interesse", diz Barbosa.

## Presidente dos EUA vai ver dissidentes

De São Paulo

Nos três dias em que o presidente americano, Barack Obama, ficará em Cuba, sua agenda conciliará eventos políticos, como o encontro com ativistas de direitos humanos, com programas de turistas.

No domingo, logo após desembarcar, Obama, a primeira-dama Michelle e as filhas Sasha e Malia farão um caminhada pela "Havana Velha", parando na catedral para ver o cardeal Jaime Ortega, que participou dos esforços para a retomada EUA-Cuba. Depois, passarão por locais históricos. Na segunda, visitará o memorial José Martí. Depois, terá encontro com empresários cubanos (lá chamados de "cuentapropistas") e americanos. Mais tarde, verá o presidente Raúl Castro.

No último dia, vai se reunir com representantes da sociedade civil, incluindo dissidentes e ativistas dos direitos humanos. E verá um jogo de beisebol entre a seleção cubana e o Tampa Bay Rays, dos EUA.

## Exportadores americanos e europeus chegam para concorrer com brasileiros

Para o Valor, de Havana

Os empresários brasileiros precisam se apressar para garantir contratos no mercado cubano. "A concorrência internacional aumenta a cada dia", afirma Cesário Melantonio Neto, embaixador brasileiro em Havana. Nos últimos meses, países como França e Alemanha intensificaram contatos com o governo de Raúl Castro.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos, em um ritmo cada vez mais acelerado para suspender o embargo econômico à ilha, já aparece como um competidor de peso para brigar pelas importações cubanas. "Somente no ano passado, Cuba recebeu cinco governadores e oito senadores americanos", diz. A visita do presidente Barack Obama é considerada um passo fundamental para selar o reatamento comercial entre os dois governos. Será a primeira de um presidente americano à ilha em 88 anos.

A corrida internacional a Cuba, que mantém relações comer-

ciais com 75 países, mostra avanços recentes da Alemanha. No mês passado, o ministro da Economia alemã, Sigmar Gabriel, visitou Havana e garantiu que vai abrir um escritório de comércio do governo no país.

O plano é engordar as cifras do fluxo bilateral entre os dois países, que hoje representa US\$ 244,2 milhões. Empresários da Volkswagen, Siemens e Bosch integraram a comitiva. Também para garantir espaço na ilha, o Japão enviou, no ano passado, seu ministro das Relações Exteriores, Fumio Kishida, acompanhado de representantes de 20 companhias de saúde, logística, finanças e montadoras.

Em fevereiro, Raúl Castro voou até a França, em retribuição à visita que François Hollande fez a Cuba em 2015, a primeira de um presidente francês à ilha. Hollande assinou quatro acordos de cooperação em áreas como educação e inaugurou uma escola da Aliança Francesa em uma das

principais avenidas de Havana. O país é o 11º parceiro comercial de Cuba no mundo, em volume de negócios, movidos principalmente por alimentos e produtos industrializados, segundo o governo cubano. Os países ainda negociam em segmentos como pesquisa científica e tecnologia.

Alexandre Carpenter, co-presidente da Brascuba, diz que o governo cubano valoriza os empresários estrangeiros que mostram bom humor e simplicidade nas negociações. O executivo afirma que o brasileiro leva vantagem diante de outros competidores porque o povo cubano aprendeu a admirar o Brasil graças às telenovelas exibidas há décadas no país. Atualmente, "Império", da rede Globo, é a atração do horário nobre da principal emissora estatal. "Além de saberem da qualidade dos nossos produtos, há uma simpatia natural pela cultura brasileira", diz. Marcas como Bauducco e Havaianas já são reconhecidas pela população. (JS)

**EMPORIUM CIGARS**  
Distribuidor Exclusivo de Habanos no Brasil  
www.emporiumcigars.com.br